

## Morfemas, traços e estrutura sintáctica – instâncias de hierarquização nos estádios iniciais da aquisição do Português

*Fernanda Gonçalves*  
Universidade de Évora

A procura de princípios hierárquicos, reflectidos e detectáveis em sequências ordenadas e previsíveis de fases de aquisição e desenvolvimento de determinados constituintes, categorias ou estruturas norteou o trabalho sobre aquisição da linguagem, quer intra quer interlinguístico, desde textos como Bellugi (1967) ou Bowerman (1973).

O interesse neste domínio foi-se entretanto intensificando e diversificando, entendendo-se hoje que este é o campo não só interessante mas também imprescindível para testar hipóteses sobre o estado final de desenvolvimento de cada língua ou sobre as mudanças linguísticas ocorridas ou a ocorrer.

É nessa medida que importa situar consensos e questões em aberto para que devemos procurar respostas.

Ao nível da sequência da aquisição de categorias lexicais, por exemplo, parece hoje claro que os núcleos nominais precedem os verbais, independentemente da língua ou cultura<sup>1</sup>. Mais; utilizam-se estratégias distintas para a aquisição dos diversos tipos de núcleos, embora os contornos concretos dessas estratégias, nomeadamente no caso dos verbos, as verdadeiras pedras de toque do desenvolvimento sintáctico, sejam ainda objecto de polémica e investigação, antes de mais porque é válida uma estratégia linear palavra-a-palavra, no início, pelo menos, para os nomes – nomes concretos, obviamente.<sup>2</sup>

Mas se para o nível dos núcleos lexicais se procura apreender processos tidos como universais, é ao nível das categorias funcionais – e da relação da aquisição dos constituintes que as ocupam, que se verificará a especificidade.

A década de 1990 foi dominada por um interesse renovado nessa relação, tendo-se então desenhado claramente um debate especialmente frutífero entre os defensores da chamada Hipótese da Maturação, de que Radford (1986) foi um texto emblemático, e os que apoiaram a chamada Hipótese da Continuidade Forte (HCFT) ou Fraca (HCF).

Basicamente, a linha mais grossa que divide as duas teorias consiste em defender que a estrutura inicial é defectiva, restringindo-se a VP, como em 1):

---

<sup>1</sup> Veja-se, entre outros, Bates et al. (1995).

<sup>2</sup> Para uma introdução genérica e referências veja-se Guasti (2002: cap. 3).

## 1) [VP O João corre].

(Hipótese da Maturação) ou que, pelo contrário, consiste numa estrutura desenvolvida exactamente idêntica à do estado adulto da respectiva língua (HCFT) ou que pode incluir processos típicos de outras línguas, logo, permitidas, ou contidas, na Gramática Universal (HCF).

Apesar da aparente incompatibilidade, verificamos que a base empírica para a argumentação a favor de uma ou de outra hipóteses é muitas vezes a mesma, sendo até possível re-interpretar dados à luz de uma ou de outra.<sup>3</sup>

Gostaríamos a este respeito de sublinhar o que podemos apontar como consensual: por um lado, é óbvio que o estado inicial não coincide com o estado final – nessa medida, haverá sempre maturação, no sentido em que algo tem de justificar que processos – estratégias derivacionais – que, não se verificando até determinado ponto, se passam a verificar, mas por outro lado é também consensual que o processo é gradual, para cada categoria flexional, ou para a legitimação de cada traço.

O aspecto mais problemático consiste em encontrar critérios para a determinação de quando se pode considerar adquirida uma dada categoria. Apesar de problemático, é um aspecto que é obrigatório encarar.

Não podemos certamente considerar como válido o princípio de que uma única ocorrência de um dado constituinte faz prova de que o nó correspondente esteja adquirido.

No que diz respeito à relação spec-cabeça que determina a concordância verbal, por exemplo, uma única marca flexional não deve ser dada como prova de que AGR existe ou é já uma projecção “activada”.<sup>4</sup>

Para este caso concreto, tem-se determinado que aquela relação de concordância se deve considerar consolidada quando uma percentagem significativa (a determinar caso a caso) das ocorrências são produzidas de forma idêntica à do estado adulto, ou, como critérios alternativos, os de que uma mesma marca deve ocorrer com vários verbos ou com várias pessoas do mesmo verbo.

Outro exemplo: em relação à ordem relativa de aquisição dos nós de tempo e concordância, verificou-se que é impossível falar de uma única posição hierárquica, já que número e pessoa não são adquiridos em simultâneo, notando-se em muitas línguas, de forma intrigante, ou talvez não, um “atraso” do plural relativamente às outras marcas de concordância, e até de tempo, cuja aquisição também é faseada.

Dever-se-á então considerar o nó de concordância consolidado antes ou depois do momento em que se verificam produções de número plural?

<sup>3</sup> Veja-se, para uma reflexão teórica a este respeito, Atkinson (1996) e, para uma concretização sobre dados do PE, Costa (2001).

<sup>4</sup> Alternativamente, tomando-se AGR como um traço, pode-se dizer o mesmo para o processo da sua verificação.

Mais uma vez, depende dos critérios adoptados mas, de novo, é uma questão que não podemos escamotear.

Além disso, o peso relativo a atribuir a dados de compreensão, por um lado, e de produção, por outro, é ainda, como foi desde o princípio, outra questão em aberto.

À maior fiabilidade dos dados da produção, contrapõe-se a injustiça de podermos estar a avaliar por defeito aquilo que o falante já adquiriu, de facto.

É não perdendo de vista estes aspectos, que se devem traduzir em cautelas metodológicas, que gostaríamos de demonstrar que, apesar de tudo, é possível descobrir padrões e interpretá-los, apresentando algumas das hierarquias que viemos explorando no Português.

Em relação à aquisição da sintaxe, se adoptarmos uma perspectiva interlinguística e pensarmos contrastivamente em línguas como o Inglês, o aspecto mais destacável sobre o Português é a grande proximidade entre o que é produzido desde os estádios iniciais e aquilo que é admitido no estado final.<sup>5</sup>

No caso concreto da negação, por exemplo, nunca se verificam ordens como em

2) [Não [VP o João corre]].

o que nos leva a rejeitar, à partida, uma explicação radfordiana pura, com o marcador negativo em adjunção a VP, embora haja análises alternativas.<sup>6</sup>

Interessante é ainda o facto de a ordem relativa entre núcleos nominais e verbais e o marcador de negação ser respeitado desde o início, não surgindo, de forma significativa, estruturas do tipo de 3a) ou 3b).

- 3 a) \*Come não.  
b) \*Não peixe.<sup>7</sup>

Mas os dados que observámos permitiram-nos ainda perceber que existe, de facto, uma hierarquia naquilo a que chamámos (op.cit.:329) “activação progressiva” das categorias funcionais, hierarquia que respeita a ordem por que essas categorias surgem acima de VP, das mais internas para as mais externas, ocorrendo portanto o processo de baixo para cima (*bottom-up*):

<sup>5</sup> As excepções, surgem, naturalmente, nos casos em que a língua está a evoluir, como é o caso dos clíticos – veja-se Duarte et al. (1995).

<sup>6</sup> Veja-se Gonçalves (1994) e Costa (2001). Para suposições semelhantes às nossas quanto à estrutura básica e derivação, veja-se Wexler (1998:48):

21) NP<sub>i</sub> NEG [VP<sub>i</sub> V[-finite] ...], em que NP<sub>i</sub> corresponde ao sujeito gerado dentro de VP e movido para a esquerda de NEG.

<sup>7</sup> Veja-se de novo Gonçalves (1994).

## 4) [CP[AgrSP[NegP[TP[VP]]]]]

Este conceito de “ativação progressiva” parece-nos neste momento relativamente consensual.

Assim, quer se defenda que a consolidação de uma categoria funcional se dá quando ocorrem as suas primeiras representações morfológicas, quer se apliquem critérios mais finos, as descrições de que dispomos são unânimes no que diz respeito à gradação do processo.<sup>8</sup>

À luz dos conceitos minimalistas, esta corresponde afinal a uma noção genérica de economia, como se sublinha em Costa (2001), sendo que a criança, tal como o adulto, “só projecta o que é necessário”, tornando-se a estrutura “necessária, à medida que as crianças adquirem princípios de natureza estrutural que forcem movimento, concordância, etc.”.

Para quem defende a Hipótese da Maturação, os nós funcionais não estão lá inicialmente e vão surgindo; para os autores que defendem uma Hipótese de Continuidade, os nós estão lá – e estão na ordem em que devem estar – e vão sendo activados.

Mas, independentemente da postura genérica adoptada, um tópico específico tem merecido o privilégio de um número considerável de investigadores.

Falamos dos “infinitivos independentes” (*root infinitives*), também chamados “opcionais” (*optional infinitives*).

Situando a questão, verificou-se, a partir de Wexler (1994), a existência de uma fase em que, de forma opcional (ou seja, em co-ocorrência temporal com as formas canónicas), surgiam núcleos verbais não-flexionados. Estas observações disseram respeito ao Inglês e depois a muitas outras línguas. A estrutura está ilustrada em 5) e 6) (exemplos reproduzidos em Guasti (2002)):

- 5 a) Marie go (Sarah, 2;3);
- b) Mumma ride horsie (Sarah, 2;6).
- 6) Pas la poupée dormir (Nathalie, 1;9).

Uma vez que constitui uma divergência em relação ao estado final, o fenómeno requer explicações. Um intenso trabalho interlinguístico de muitos autores permitiu isolar um conjunto de propriedades. Para uma síntese das mesmas, veja-se Guasti (2002: cap. 4), onde se faz igualmente uma panorâmica genérica em termos quantitativos e interlinguísticos, nomeadamente, e de forma muito clara, no gráfico (op.cit.:130), onde se demonstra existirem diferenças percentuais significativas entre as várias línguas, nomeadamente entre o Inglês (o caso extremo, com percentagens a rondar os 90%), por um lado, e o Italiano e o Catalão, por outro, com percentagens praticamente nulas.

<sup>8</sup> Veja-se, para o caso do PE, para além do texto citado, Soares (1998), onde se faz ainda referência ao caso do DP.

Para além do Inglês, incluem-se no grupo das línguas de IO (com percentagens a partir de 15%, sensivelmente), o Francês, o Neerlandês, o Flamengo e o Alemão.

Do conjunto das propriedades com que os infinitivos opcionais estão correlacionados, a mais saliente é a natureza (de queda de *pro* (*pro-drop*) ou não) de cada língua. Assim, nas línguas de sujeito nulo (Italiano e Catalão, no referido gráfico) não há infinitivos opcionais ou não são significativos e vice-versa.

Outras propriedades incluem o facto de não ocorrerem em subordinadas (daí a designação “infinitivos independentes”); de ocorrerem em declarativas mas não em interrogativas-qu; de serem incompatíveis com auxiliares e com clíticos ou pronomes-sujeito fracos.

A questão concreta para que pretendemos encontrar resposta, na sequência de trabalhos anteriores (nomeadamente, Gonçalves (2001a e 2001b)) é a seguinte: são as alterações sintácticas verificadas no século passado no PB (com início no final do sec. XIX) correlacionáveis com a existência de infinitivos opcionais ao nível do processo da aquisição?

Como sabemos, uma possibilidade em discussão é a de que as mudanças verificadas tenham derivado de uma alteração ao nível do parâmetro do sujeito nulo.

A nossa predição é pois a seguinte:

7) se o PB for (ou estiver em vias de ser) uma língua que não admite sujeito nulo, linearmente, deverá apresentar valores distintos dos do PE ao nível da produção de infinitivos opcionais, na fase relevante.

Para o PE, prevemos, naturalmente, a inexistência ou existência não-significativa de infinitivos opcionais.

Para testar a nossa hipótese tratámos uma amostra que retirámos de um corpus mais vasto relativo a investigação em curso. Os dados foram disponibilizados por:<sup>9</sup>

- 8) (PE): Laboratório de Psicolinguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
 Responsáveis: *Prof<sup>as</sup>. Isabel Hub Faria e Maria João Freitas.*  
 (PB): Centro de Documentação Alexandre Eulálio do Instituto de Estudos da Linguagem-Unicamp.  
 Responsáveis: *Prof<sup>as</sup>. Claudia Lemos e Ester Mirian Scarpa.*

A amostra recolhida diz respeito a oito sessões (quatro de uma criança brasileira e outros quatro de uma criança portuguesa) com idades entre 1;11 e 2;6, por analogia com os estudos de referência para este tópico.

Para uma caracterização dos dados relativos às duas amostras veja-se Lemos (s/d) e Mendes (1991). Os dados foram transcritos e tratados com recurso ao programa CHILDES – veja-se MacWhinney (2000).

<sup>9</sup> Para estas responsáveis os agradecimentos habituais e muito sentidos.

Quanto à metodologia de análise, tivemos em conta estudos anteriores, nomeadamente Gaya (1998) e Ferdinand (1996).

A dimensão da amostra sofreu um ajuste (de oito ficheiros para quatro, para cada variante), em função dos resultados que apresentaremos em seguida: não fazia sentido alongar o período em consideração, dada a regularidade dos resultados.

Quantitativamente, os dados para o PE estão apresentados em 9):

9)

| Ficheiros | Idade  | nº de enunciados | estrs. com núcleo V | estrs. com infinitivo |
|-----------|--------|------------------|---------------------|-----------------------|
| JOA01     | 2;0.2  | 159              | 22                  | 1 (4.5%)              |
| JOA05     | 2;2.9  | 178              | 75                  | 25 (33.3%)            |
| JOA09     | 2;4.23 | 121              | 48                  | 10 (20.8%)            |
| JOA13     | 2;6.18 | 495              | 232                 | 34 (14.6%)            |
| Totais    |        | 953              | 377                 | 70 (18.6%)            |

O número de enunciados inclui mesmo os incompreensíveis (é um número bruto), ao passo que das estruturas com núcleo verbal excluímos, para além desses, as repetições próximas (da criança ou de um adulto) e todas as estruturas sem um núcleo verbal visível (as respostas globais “sim, não, pois”, por exemplo).

Não lhes chamamos “orações” porque é discutível que estruturas sem um núcleo verbal visível possam ser classificadas como tal nesta fase.

As estruturas com infinitivo são pois um sub-conjunto daquelas.

Em relação aos dados da criança portuguesa, há a notar, com a exceção visível do primeiro ficheiro, uma produção relativamente estável de estruturas com infinitivos, exemplificadas em 13) e seguintes, incluindo estruturas com preposições, com auxiliares ou com outros principais (em completivas), surgindo em declarativas e em interrogativas.

Sem surpresas, verificamos que não existem infinitivos opcionais – não os encontramos, de todo. Os dados são obviamente significativos pela quantidade e pela variedade de verbos e estruturas.

Mesmo os casos aparentemente problemáticos deixam de o ser quando contextualizados (veja-se em 16) uma estrutura elíptica e uma reformulação).

### 13) JOA01

\*ANT: onde é que está o bebé?

\*JOA: (es)tá (a) cho(r)a(r).

\*ANT: o quê?

\*JOA: casa de(l)a.

\*PAI: o bebé (es)tá a chorar.

14a) JOA05

\*PAI: João Miguel # o qu(e) é que o ## o que é que o sapo vai morder?

\*JOA: vai morder o dedo.

14b)

\*PAI: o que é isso?

\*JOA: (es)tá a andar.

%com: refere-se ao sapo.

14c)

\*ANT: o elefante.

\*JOA: eu vou buscá~(l)o.

\*LUC: hum@i ?

\*JOA: vou buscar o elefante.

14d)

\*JOA: é p(ar)a pôr a(l)i, é?

%com: pega numa caixinha/jogo que tem um buraco e uma bola – manipula-se a caixinha até que a bola encaixe no buraco.

\*ANT: é p(ar)a quê?

15) JOA09

\*PAI: hum@i # o que é que foi isto # João?

\*JOA: olha o ti+nó+ni # queres ver?

\*JOA: ti+nó+ni!

\*JOA: queres ver o ti+nó+ni?

16a) JOA13

\*JOA: (v)amos ver uma coisa.

\*ANT: vamos quê?

\*JOA: fazer uma coisa.

16b)

\*ANT: cuidado, não parte!

\*JOA: morrer, (v)ão morrer.

%com: JOA associa frequentemente partir a morrer

Por controle, e tendo em conta a produção relativamente constante de infinitivos, considerámos também dados relativos ao input, verificando uma regularidade muito grande nos quatro ficheiros tratados, com valores parciais entre 18.9% e 23.3% e valores totais apresentados em 17):

17)

| Ficheiros      | sujeito | nº de enunciados | estrs com núcleo V | estrs. com infinitivo |
|----------------|---------|------------------|--------------------|-----------------------|
| JOA01;05;09;13 | ANT     | 641              | 442                | 87 (19.7%)            |

Este dado pareceu-nos também interessante para o confronto com o PB.  
Para o PB verificámos um processo muito próximo, com os seguintes valores:

18)

| Ficheiros | Idade   | nº de enunciados | estrs. com núcleo V | estrs. com infinitivo |
|-----------|---------|------------------|---------------------|-----------------------|
| RAQ01     | 1;11.12 | 158              | 70                  | 18 (25.7%)            |
| RAQ05     | 2;2.19  | 222              | 97                  | 23 (23.7%)            |
| RAQ09     | 2;4.11  | 152              | 82                  | 30 (36.6%)            |
| RAQ13     | 2;6.19  | 240              | 107                 | 13 (12.1%)            |
| Totais    |         | 772              | 356                 | 84 (23.6%)            |

Como se verifica, até em termos percentuais (de estruturas com infinitivo sobre estruturas com núcleo verbal) os valores são muito próximos, o mesmo se verificando em termos dos dados de controle:

19)<sup>10</sup>

| Ficheiros      | Sujeitos                        | nº de enunciados | estrs. com núcleo V | estrs. com infinitivo |
|----------------|---------------------------------|------------------|---------------------|-----------------------|
| RAQ01;05;09;13 | ENT (RAQ01);<br>MAE (restantes) | 939              | 639                 | 150 (23.5%)           |

Também aqui os valores parciais são muito regulares (entre 16.6% e 33.1%).  
Temos aqui alguns contextos exemplificativos da produção da Raquel.

Como verificamos, por exemplo no primeiro contexto, as estruturas elípticas, são, por vezes, não só possíveis, como as mais naturais.

20a)RAQ01

\*ENT: onde (vo)cê foi?

\*RAQ: ve(r) o auau@f.

\*ENT: (vo)cê foi ve(r) o auau@f?

20b)

\*ENT: será que vai entra(r) aí dentro?

\*RAQ: vai.

\*RAQ: entrou!

\*RAQ: vamo(s) tira(r)?

\*ENT: tira(r)?

\*ENT: tira!

<sup>10</sup> Nesta tabela referem-se valores referentes a dois adultos, visto que no primeiro ficheiro a criança dialogava com o investigador e nos outros com a mãe, predominantemente.



20c)

\*RAQ: vo(u) tira(r).

\*RAQ: pode tira(r)?

\*ENT: pode!

\*ENT: tira!

\*ENT: brinca com isso.

\*RAQ: pode tira(r) esse aqui?

\*ENT: pode!

20d)

\*ENT: pronto!

\*RAQ: eu vou segura(r) aqui.

\*ENT: segura.

\*RAQ: pode segura(r) aqui?

\*ENT: pode!

21a) RAQ05

\*RAQ: hum [/] hum # eu quero.

\*MAE:(vo)cê quer o quê?

\*RAQ: eu quero gravar.

\*MAE: quer gravar?

\*RAQ: quero.

21b)

\*MAE: vou deixar minhas filhas bem bonitinhas porque hoje é sábado, n'ê?

\*RAQ: hein?

\*MAE: dia de tomar um bom banho.

\*RAQ: hoje é sábado # é dia de ficar [/] de ficar bonitinha.

\*MAE: é.

22) RAQ09

\*RAQ: &lt;o mama@c&gt;[&gt;].

\*DAN: &lt;ai@i # ai@i # espera eu&gt;[&lt;]!

\*RAQ: deixa eu liga(r).

23) RAQ13

\*MAE: e aqui # o quê que aconteceu?

\*RAQ: eu quero te(r) um vestido.

\*MAE: quem que é essa?

Os casos problemáticos, para além de poucos, são pouco problemáticos:

24a) RAQ01

\*ENT: e que que (vo)cê fez no náutico?

\*RAQ: ve(r) o auau@f.

- \*ENT: viu o auau@f.
- \*ENT: mais o que?
- \*RAQ: yy ve(r) menino ## o yyy # não.
- %pho: a ve mininw uauua

Neste caso, repare-se que podemos ter a estrutura elíptica equivalente a “o que eu fiz no náutico foi ver o auau”.

24b)

- \*RAQ: yyy [=? eu quero] ve(r) sombrinha.
- %pho: a'kEw a'kEw ve so'biNa
- \*ENT: então abre aqui # o(lha)!

Aqui a transcrição fonética e o contexto permitem-nos reconstituir de forma mais que provável a estrutura “eu quero ver sombrinha”.

24c)

- \*RAQ: &po # &po # tira(r) # tira(r) meu sapato?
- \*ENT: pode tirar?
- \*RAQ: pode?
- \*ENT: a vovó deixa tira(r) ?
- \*RAQ: &tir # de(i)xa.
- \*ENT: por que que (vo)cê que(r) tira(r) o sapato?
- \*RAQ: eu vou pôr na perna.
- %pho: a vo poi na 'pEjna

Neste caso são interessantes as reformulações, sobretudo no segundo caso.

25a) RAQ05

- \*RAQ: eu vou jogar na lata do lixo.
- \*RAQ: na lata do lixo.
- \*RAQ: jogar na lata do lixo. [x5].

Aqui o contexto é também suficiente explícito – a última frase é repetida cinco vezes, numa espécie de ladainha, enquanto RAQ se vai aproximando do caixote do lixo.

25b)

- \*RAQ: deixa eu guardar esse xxx senão (es)tá sujo.
- \*MAE: senão (es)tá sujo, ah é!
- \*MAE: senão o quê?
- \*RAQ: lavar essa roupa senão (es)tá sujo.

Aqui a criança recupera a estrutura anterior “deixa eu guardar” e depois “deixa eu lavar” – é também, possivelmente, uma estrutura elíptica.

26a) RAQ09

\*MAE: o que (vo)cê vai faze(r)?

\*RAQ: ó# u # vai ela i(r) [/] i(r) [/] i(r) [/] i(r) no [/] no Náutico com meu filho.

\*MAE: com seu filho?

A estrutura “vai ela ir”, apesar de não ser propriamente canónica não está completamente ausente do estado adulto, em PE e presumivelmente em PB.

26b)

\*MAE: que amor # hein@i Quel@f?

\*RAQ: é.

\*RAQ: sou grande pra pôr.

\*MAE: você é grande p(a)ra pôr a calça, n' é?

Este exemplo é sobretudo interessante pelo objecto nulo, que a mãe fornece. Não é caso único.

Verificamos portanto que os infinitivos opcionais também em PB são inexistentes ou não significativos.

Concluimos assim que a inexistência de correlação entre as mudanças operadas no PB e a estrutura em causa desfavorece a hipótese de reparametrização linear ao nível do parâmetro do sujeito nulo como detonador para as mudanças verificadas.

### Referências bibliográficas

- Atkinson, Martin (1996), “Now, Hang on a Minute: Some reflections on emerging orthodoxies” in Harald Clahsen (ed.), *Generative Perspectives on Language Acquisition*, John Benjamins, Amsterdam.
- Bates, Elizabeth, Philip Dale, and Donna Thal (1995), “Individual Differences and their Implications for Theories of Language Development” in P. Fletcher & B. MacWhinney, *The Handbook of Child Language*, Blackwell Publishers, Cambridge, Mass., pag. 96-151.
- Belletti, Adriana (1990), *The Syntax of Verb Movement*, Rosenberg, Torino.
- Bellugi, Ursula (1967), *The Acquisition of Negation*, PhD Diss., Harvard University.
- Bowerman, Melissa (1973), *Early Syntactic Development: A cross-linguistic study with special reference to Finnish*, C.U.P., Cambridge.
- Costa, João (2001), “Aquisição da sintaxe: evidências contraditórias e questões de ordem”, comunicação inserida no ciclo *Conversas de Hora de Almoço*, CLUL.

- Duarte, Inês, Gabriela Matos & Isabel Faria (1995), "Specificity of European Portuguese Clitics in Romance" in *Studies on the Acquisition of Portuguese*, A.P.L., Edições Colibri, Lisboa.
- Ferdinand, Astrid (1996), *The Development of Functional Categories – the Acquisition of the Subject in French*, The Hague, Holland Institute of Generative Linguistics.
- Gaya, Aurora (1998), *Teoria Lingüística i Adquisició del Llenguatge*, Tesi doctoral, Universitat Autònoma de Barcelona.
- Gonçalves, Fernanda (1994), *Negação Frásica em Português. Caracterização Sintáctica com Referência ao Processo de Aquisição*, Diss. de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- (2001a), "Comparing Acquisition Processes in European Portuguese and Brazilian Portuguese – Additional Evidence for Morphology After Syntax", *Proceedings of GALA*, Palmela, 312-319.
- (2001b), "Riqueza morfológica e movimento do verbo – o caso do Português (PE/PB) a partir de dados da aquisição", comunicação no XVII Encontro da A.P.L., Lisboa.
- Guasti, M. Teresa (2002), *Language Acquisition – The Growth of Grammar*, The MIT Press, Cambridge, Mass..
- Lemos, Cláudia et al. (s/d), "Col. Projeto Aquisição da Linguagem Oral", Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas.
- Mendes, António Q. (1991), *A Referência Temporal no Discurso Conversacional aos 2 e 3 Anos de Idade*, Diss. de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- MacWhinney, Brian (2000), *The CHILDES Project: Tools for Analyzing Talk. Third Edition*, Lawrence Erlbaum Associates, Mahwah, New Jersey.
- Radford (1986), "Small Children's Small Clauses" in *Bangor Research Papers in Linguistics*, nº1, 1-38.
- Rizzi, Luigi (1993/94), "Some Notes on Linguistic Theory and Language Development: The Case of Root Infinitives" in *Language Acquisition*, nº3, 371-393.
- Soares, Carla (1998), *As Categorias Funcionais no Processo de Aquisição do Português Europeu*, Diss. de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Wexler, Ken (1994), "Optional Infinitives, Head Movement and Economy of Derivation" in N. Hornstein & d. Lightfoot (eds.), *Verb Movement*, C.U.P., Cambridge.
- (1998), "Very early parameter setting and the unique checking constraint: A new explanation of the optional infinitive stage" in *Lingua*, 106, 23-79. [consultado na reprodução em A. Sorace et al., eds. (1999), *Language acquisition: Knowledge representation and processing*, North-Holland, Amsterdam.]